

# JOGO E EXPRESSÃO: QUE SENTIDOS E DESAFIOS NA FORMAÇÃO

Clarinda Pomar, Universidade de Évora, Portugal, [cpomar@uevora.pt](mailto:cpomar@uevora.pt)

Isabel Bezelga, Universidade de Évora, Portugal, [imgb@uevora.pt](mailto:imgb@uevora.pt)

Maria João Craveiro Lopes, Universidade de Évora, Portugal, [mjcraveirolopes@sapo.pt](mailto:mjcraveirolopes@sapo.pt)

## RESUMO

Partindo dos conceitos de Jogo e de Expressão, entendendo-os como pressupostos estruturantes da ação educativa, faremos uma reflexão sobre os significados que estes conceitos assumem no percurso formativo de Professores/as e Educadores/as de Infância na Universidade de Évora e sobre os desafios da formação nas áreas da Educação Artística e da Educação Física.

**Palavras chave:** Jogo, Expressão, Educação Artística, Educação Física, Formação de Educadores, Formação de Professores.

### Os fundamentos e as perspetivas educacionais de “Jogo” e “Expressão”.

Jogar é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância. Não é uma atividade exclusivamente humana, mas é um elemento fundamental da cultura.

Vários foram os autores que se debruçaram sobre o Jogo como atividade própria do ser humano. Huizinga (1992), na sua célebre obra “Homo Ludens” (publicada em 1938) refere-se ao Jogo como uma qualidade da ação humana que comporta uma função significante; Jogo surge associado a divertimento/ prazer mas também a tensão/ incerteza/imprevisibilidade; Jogar representa liberdade, evasão da realidade para uma dimensão temporária de atividade com uma orientação e uma ordem própria (Huizinga, 1992; Duvignaud, 1997; Froebel, 2001). O prazer de jogar está, pois, presente não apenas na infância, mas ao longo de toda a vida.

Na perspetiva de Huizinga (1992), a atividade lúdica rege-se por um conjunto de regras que introduzem na vivência quotidiana “uma perfeição temporária e limitada” (ibid., p. 13) permitindo o acesso a uma dada vivência estética. A atividade pressupõe ainda o convívio da “vivacidade e da graça” (ibid., p. 9) e requer dos jogadores uma grande disponibilidade interna. Duvignaud (1997) reconheceu igualmente um importante papel no jogo, atribuindo-lhe um carácter de maior liberdade e de gratuidade. Para este autor, existe uma desfuncionalização na atividade lúdica. Para Néspoli (2004) ritual e jogo coexistem afirmando o seguinte: “o ritual associa-se aos jogos populares e às brincadeiras infantis; ao universo da oralidade, onde o espaço da memória atravessa o imaginário coletivo através dos cantos, das danças, dos mitos, das formas visuais, (...) No ritual contemporâneo, brincar é interagir (p. 31). Esta perspetiva corrobora o uso do jogo no âmbito educacional.

Do mesmo modo, Froebel (2001) considera o Jogo como uma atividade fundamental no desenvolvimento ontológico, propondo que este não seja ser dispensado no processo de aprendizagem, criando-se condições para o aparecimento de relações intensas com a “Expressão” tanto no âmbito da educação artística como da educação física. Compreende-se, assim, que Jogo se relaciona estreitamente com Expressão no sentido em que jogar representa uma ação livre onde se possibilita a exteriorização de ideias, emoções, significados.

Jogar é uma atividade natural, espontânea e uma insubstituível ferramenta de aprendizagem durante a infância que permite a exploração e compreensão de si próprio e do mundo, a adaptação à imprevisibilidade, a resolução de problemas, o confronto com o desconhecido, o desenvolvimento dos mecanismos de controlo emocional, o desenvolvimento da autonomia, a promoção da empatia e respeito nas relações interpessoais. Pode-se afirmar que Jogar representa um tempo e um espaço “não produtivo” onde se exploram livremente os recursos da expressão/comunicação, da expressão criativa, da espontaneidade e da imaginação, da sensibilidade e apreciação estética, do sentido crítico. Jogar é, neste sentido, uma ação que traduz, por excelência, a oportunidade de “ser”. Deste modo, qualquer educador/a e professor/a tem que compreender a ação e os efeitos do Jogo, integrando-o, de forma intencional e consciente, na sua ação pedagógica quotidiana.

## **Os sentidos do Jogo e da Expressão no percurso formativo de Educador@s e Professor@s na Universidade de Évora;**

É assinalável o percurso e o esforço colaborativo que os e as docentes da área tradicionalmente designada neste contexto formativo como a “área das Expressões” têm desenvolvido ao longo dos anos, desde que a Universidade acolheu a formação de Educador@s de Infância e Professor@s do 1º Ciclo de Ensino Básico, há precisamente 30 anos (em 1988), depois da extinção do Magistério Primário. Duas das autoras desta comunicação participam neste caminho na Universidade de Évora há mais de 20 anos; caminho caracterizado por várias mudanças legislativas reguladoras da formação de Educadores e Professores; por uma diversidade de designações para estas áreas de formação- desde a inicialmente chamada Área da Expressão e Comunicação Não-Verbal (que integrava a Expressão Motora, a Expressão Musical, a Expressão Plástica e a Expressão Dramática) até à designada “Área das Expressões”, título da componente de formação constante do Decreto Lei nº 74/2014 que, no caso dos planos de estudo da Universidade de Évora integra as áreas científicas “Educação Artística” e “Educação Física”. A acompanhar estas mudanças, assistimos a uma diminuição do tempo destinado à lecionação nesta área de formação.

Contudo, apesar das mudanças que se têm verificado, nestes longos anos, há algo que se mantém inconstante no projeto de formação e nas atitudes das e dos docentes que lecionam neste âmbito:

- A centralidade do Jogo e da Expressão nos conteúdos e nas metodologias de ensino e de aprendizagem das unidades curriculares;
- O valor dado ao desenvolvimento das competências expressivas;
- A procura constante de sinergias, de potencialidades interdisciplinares que consigam dar sentido e coerência ao projeto formativo que nos move e que ambicionamos.

Refira-se que estas interações e o trabalho colaborativo não se processam apenas ao nível “intra-área das Expressões” mas alargam-se a outras áreas de formação- à Didática da Matemática, Didática da Língua Materna, Didática do Meio Físico e Social, etc.

Creemos que as aprendizagens que fomos construindo em conjunto ao longo destes anos são decisivas para que possamos estar hoje aqui a afirmar, numa só voz, que os conceitos de Jogo e de Expressão são assumidos como ferramentas pedagógicas imprescindíveis para dar sentido e coerência ao projeto formativo e que são operacionalizados, sob múltiplas formas, em várias unidades curriculares de uma forma integrada.

Na reflexão que fizemos para preparar esta comunicação sobressaiu a importância que teve neste percurso duas disciplinas (na altura era assim que se chamavam) designadas de “Seminário de Integração das Expressões Não Verbais”, no caso da Licenciatura em Educação de Infância e “Temas e Projetos de Didática das Expressões Não Verbais” no caso da Licenciatura em Professores do 1º Ciclo. Por volta do ano 2000-2001, eram disciplinas anuais do 3º ano, de natureza modular, e que possuíam um módulo final integrador que funcionava como um “espaço-laboratório para experienciar possibilidades de integração das várias expressões entre si”. Entre os seus objetivos destacamos os seguintes: “Ensañar e sistematizar formas de intervenção-formação no âmbito das várias áreas artísticas através da construção de processos criativos de grupo” e “Produzir materiais pedagógicos para projetos de intervenção”.

Foi para os estudantes, mas sobretudo para nós, docentes, uma arena privilegiada para desenvolver um conhecimento mútuo das várias áreas e das suas potencialidades de integração.

Realçamos que os trabalhos se estendiam à comunidade e aos vários espaços da cidade de Évora com o envolvimento de crianças de várias instituições, escolas e comunidades. Projetos que, por vezes, se desenvolviam num único momento e outros que poderiam durar vários dias. Embora nestes projetos a componente expressiva e artística ocupasse o seu lugar central, as aprendizagens de outras áreas curriculares não eram descuradas ou esquecidas, mas sim valorizadas.



Foto 1 - Projeto de Seminário de Integração das Expressões Não Verbais no jardim público de Évora

Nos atuais planos de estudo mantemos esta perspetiva integradora valorizadora da componente lúdica e expressiva, tanto ao nível do desenvolvimento dos processos de formação pessoal, como ao nível do desenvolvimento de competências de intervenção pedagógica. Referimo-nos, nomeadamente, a unidades curriculares obrigatórias que, no Curso de Educação Básica são: Projetos de Intervenção em Contextos Educativos Não Formais (4º semestre) e Oficina de Integração das Expressões (6º semestre). Nos Cursos de Mestrado em Educação Pré-Escolar e em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico reportamo-nos às unidades curriculares “Educação e Expressões Artísticas na Infância e “Projeto Integrado de Artes, Humanidades, Ciências e Tecnologias” (no 2º semestre)

Estas duas últimas mobilizam equipas docentes diversificadas (de várias áreas disciplinares) realizando-se através de projetos que perspetivam a formação dos alunos em ambientes não formais e comunitários, numa visão de construção de um conhecimento integrado, baseado em metodologias participativas e envolvendo toda a sorte de colaborações e parcerias locais e regionais.

Procura-se assim potenciar a experimentação e o desenvolvimento de processos de criação e expressão que comunicam com a reflexão e pesquisa crítica, a criação artística e cultural e a participação em atividades de extensão comunitária, no sentido da divulgação e partilha do conhecimento.

Nestas atividades evidencia-se a importância concedida às conexões com os vários espaços e agentes de formação, num contexto de aprofundamento de relações de proximidades e cumplicidades entre a Cidade e a Universidade, que possibilitam a partilha de recursos, incluem as várias dimensões do aluno/pessoa e alargam o campo de experiências educacionais significativas.

Ao nível das metodologias de trabalho procuramos desenvolver um percurso coerente que atravessa o trabalho nas diversas unidades curriculares (específicas e integradoras) ao longo da Licenciatura em Educação Básica e dos Mestrados, e que se orienta por um processo de ensino e aprendizagem fundado no diálogo crítico, na pesquisa, na colaboração, na negociação, na cocriação em contexto, na participação dos alunos na condução do seu próprio processo de aprendizagem assumindo um papel ativo no planeamento, intervenção e na sua avaliação reguladora.

### **Os desafios da formação nas áreas da Educação Artística e da Educação Física.**

Nas Unidades Curriculares de Oficina de Integração das Expressões, de Educação e Expressão Musical, de Educação e Expressão Plástica, de Educação, Expressão e Jogo Dramático, e de Educação e Expressão Físico-Motora os processos formativos iniciam-se de forma similar:

- (i) relembrar a criança que fomos, brincar e jogar com as memórias e temáticas variadas;
- (ii) explorar, desenvolver e aperfeiçoar as técnicas/procedimentos (dos mais básicos aos mais complexos) e, no caso da Educação Física, as habilidades motoras fundamentais;
- (iii) promover o espaço de trabalho coletivo e cooperativo como forma edificante na nossa estrutura pessoal e profissional;
- (iv) alargar e apetrechar culturalmente os saberes;
- (v) investigar e fundamentar vivências e aprendizagens;
- (vi) completar os processos formativos refletindo e avaliando.

A descoberta é sempre orientada para atitudes impulsionadoras de autonomia, liberdade e segurança.

Em todos estes procedimentos as interações e o envolvimento ativo dos alunos são fatores determinantes.

Assim, continuar a aprender de forma laboratorial (em que se experimenta, erra, recomeça, cria, recria) continua a determinar esse envolvimento que se quer em crescendo, sendo o formando o interventor e protagonista principais na construção de caminhos próprios, que não serão nunca isolados das relações interpessoais.



Foto 2- Alunas em aula de Educação e Expressão Físico-Motora.

Eisner (1972) compreende interação dessa forma, como uma impossibilidade de separação entre peças num todo, exemplificando que a percepção de uma dada cor depende sempre das que lhe estão próximas.

Nessa medida, estabelecer compromissos e clarificar objetivos em cada unidade curricular, encontrar parcerias adequadas à formação na Educação Artística e na Educação Física, assim como acompanhar a sua implementação em ensaios pedagógicos formais e não formais, são prioridades formativas que nos cabe (re)direcionar.

Neste processo formativo assume particular desafio o “sentir”, “compreender” e “utilizar” o corpo. Com que corpo nos apresentamos? E jogamos com quem? E para quê?

A importância do “se” mágico tão caro ao teatro terá que integrar o quotidiano dos educadores. É através de uma postura e implicação ativa no Jogo que se gera a capacidade constante de questionamento: E se...?

Perceber a valia do objeto performativo enquanto poética híbrida e como agir significativo que suspende e

simula o real repondo-o ficcionalmente (Bezelga, 2017), permite compreender o papel do educador/professor num terreno eminentemente social, promovendo permanentes conceptualizações auto reflexivas.

A experiência implicada do corpo num processo de criação de imagens, sentidos e significações é insubstituível. No diálogo com a criação artística contemporânea, como a que tem ocorrido no âmbito da unidade curricular dos Mestrados “Educação e Expressões Artísticas na Infância”, em parceria com o Fórum Eugénio d’Almeida, em Évora, a elaboração de mapeamentos críticos - em que a implicação corporal é ativada através de memórias pessoais acionadas e selecionadas - tem vindo a ser produzida, grafada e resignificada, implicando, desde logo, um processo de reflexão que utiliza termos e conceitos das artes para os e as estudantes se pensarem como educadores/as ou professores/as criadores/as.



Foto 3 - Alunas em aula de Educação e Jogo Dramático

Vivemos uma época de viragem pedagógica onde a escola e a educação assumem novos papéis. O perfil da criança de hoje exige uma postura muito refletida por parte do/a educador/a.

Nóvoa (2009) afirma que existem três possíveis caminhos:

- (i) a educação vista como um “bem público”, com abertura à escola diferenciada e à iniciativa;
- (ii) a escola e a aprendizagem não simplista, mas mais próxima da essência do “conhecimento científico” e da complexidade do seu tipo de pensamento;
- (iii) e a criação de espaços físicos educativos propícios à construção do saber.

E acrescenta que a homogeneidade e rigidez darão lugar à diferença, o transbordamento curricular à abertura a outras conceções do ato de aprender.

As crianças precisam, hoje e sempre, de se movimentarem, de satisfazerem as suas necessidades de expressão e comunicação, impondo-se, cada vez mais, um espaço educativo que as edifique como pessoas cognitivas, corporais e emocionalmente equilibradas e completas.

Será para estes pressupostos que teremos que preparar os/as futuros/as docentes, de forma a tornarem-se cada vez mais intervenientes e inovadores, abertos a transmutações, dotados da segurança e interesse investigativo.

No que diz respeito às áreas da Educação Artística e da Educação Física a nossa experiência e reflexão permite-nos afirmar que uma grande parte dos e das estudantes destes Cursos apresentam-se inicialmente com uma insignificante vivência cultural, artística e corporal, que compromete a familiaridade, a experiência, o conhecimento e a vontade de explorar os territórios da Educação Artística e da Educação Física. A insegurança sentida produz, não raras vezes, a recusa de se interpelar a si próprio e instaura um relativo alheamento e descomprometimento em relação a estas áreas.

Não é demais sublinhar a pertinência das intersubjectividades que a experiência artística permite salientando o que para Rancière (2005) se define como o desenvolvimento do *eu sensível*.

As relações que estabelecemos com os recursos disponíveis nos territórios que habitamos, pessoal e profissionalmente (pessoais e institucionais como é o caso da Câmara Municipal de Évora, a Direção Regional de Cultura do Alentejo, a Fundação Eugénio de Almeida e as várias instituições escolares e educativas) envolvendo novos usos e compreensões do espaço público não podem ser desperdiçados. E, para isso, são necessários alguns “ingredientes” imprescindíveis:

Curiosidade

Disponibilidade

Escuta

Aceitar e oferecer

Diálogo

Aceitar o risco

Verdade

Acreditar /Capacidade de sonhar e realizar

Empatia

Sabemos que o caminho se faz caminhando e que, muitas vezes, é a posteriori que os/as estudantes percebem as vivências e saberes adquiridos.

Esperamos que implementem e impulsionem nas suas práticas pedagógicas, presentes e futuras, as áreas da Educação Artística e da Educação Física de forma consistente e consciente.

Diz Paulo Freire (2005, p.21) que “(...) não há consciências vazias; por isso os homens não se humanizam, senão humanizando o mundo”.

### **Referências Bibliográficas**

- Bezelga, I. (2017). O papel das artes na promoção do sucesso académico: O prazer de fazer acontecer! *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 7(1), 67-78.
- Duvignaud, J. (1997). *El juego del juego*. Santafé de Bogotá: Fondo de Cultura Económica.
- Eisner, E. (1972). *Educating Artistic Vision*. Macmillan: New York.
- Freire, P. (2005). *A Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Editora Paz e Terra.
- Froebel, F. (2001). *A educação do homem*. Passo Fundo: UPF.
- Huizinga, J. (1992). *Homo Ludens: O jogo como elemento da cultura*. São Paulo: Perspectiva.
- Néspoli, E. (2004). *Performance e ritual: Processos de subjectivação na arte contemporânea*. Dissertação de Mestrado. Campinas: Universidade de Campinas.
- Nóvoa, A. (2009). Educação 2011: Para uma História do Futuro, *Revista Iberoamericana de Educación*, 49 (Janeiro/Abril), 1-18.
- Rancière, J. (2005). *A partilha do sensível: Estética e Política*. São Paulo: Exo Experimental.